

História, memória, identidade e História Oral

Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim*

Resumo: Este artigo pretende perscrutar as relações entre História, memória e identidade no âmbito da História Oral, segundo distintas abordagens historiográficas e teórico-metodológicas.

Palavras-chave: História Oral; memória; identidade.

Abstract: This paper intends to scrutinize the relationship between history, memory and identity in the context of oral history, according to different historiographical approaches and theoretical and methodological.

Key-words: Oral History, memory, identity.

O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se as lembranças e reminiscências. (BEAR, 1996).

O conceito de memória e a maneira como ela funciona vem sendo tema dos estudos de filósofos e de cientistas há séculos. Este conceito vem se modificando e se adequando as funções, as utilizações sociais e a sua importância nas diferentes sociedades humanas. (KESSEL, 2005)

Como afirma Jacques Le Goff, “o conceito de memória é crucial” (LE GOFF, 1984). Tal afirmação pode ser recebida de duas formas: ressaltando a importância da memória nas discussões contemporâneas no campo das humanidades, principalmente entre os historiadores; e remetendo a importância fundamental da memória no debate atual acerca do problema da identidade, na medida em que a memória é um dos elementos constituintes e fundadores da identidade.

Os sentidos de herança¹, construção² e identidade³ apontados por Pollack (POLLACK, M. 1992, p. 204), indicam que a memória é permeada do sentido não só daquilo que ocorreu no passado, mas do tempo presente e de seus conflitos.

* É historiadora, doutoranda pelo Programa de História Social da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo de História Oral, da mesma universidade.

1 A memória é transmitida, não se refere apenas à vida física do indivíduo.

Pensar na construção da memória é pensar em variadas formulações conceituais, seja como um jogo entre as lembranças e o esquecimento, apontados por Freud como uma construção social materializada nos quadros sociais (linguagem, tempo e espaço). Para Halbwachs memórias individuais, grupais e coletivas, são construídas na subjetividade e representadas em discursos sociais. Pode-se, também, buscar pelos lugares da memória conceituados por Pierre Nora.

A princípio a memória pode parecer ser um fenômeno de cunho pessoal, pois cada indivíduo possui lembranças sobre sua trajetória de vida, no entanto, os trabalhos de Maurice Halbwachs demonstraram que, talvez, o aspecto mais importante da memória seja o seu caráter social, como um fenômeno que é construído de forma coletiva, sendo, portanto, submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes. (HALBWACHS, 1998).

A contribuição da psicologia para o conceito de memória, tanto no que concerne a recordação quanto ao esquecimento, assim como na questão da manipulação consciente ou não da memória individual ou coletiva, tem sido fundamental. Neste sentido, os esquecimentos e silêncios são muito reveladores nos mecanismos de manipulação da memória. (CRUZ, 2006)

Quais são os elementos que constituem a memória tanto individual quanto coletiva? Para alguns estudiosos da História Oral, como Michael Pollack, esses elementos são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente, e, em segundo lugar, aqueles acontecimentos vivenciados pelo grupo ao qual o indivíduo se sente pertencer (POLLACK, 1992). Neste processo de construção de identidade, o processo de socialização histórica da memória participa de forma tão efetiva e marcante que podemos falar de uma memória herdada. Ele assinala que a memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também o registro do presente que permanece como lembrança. A memória pode ser considerada uma evocação do passado. É a capacidade que o homem possui de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total.

Para Pierre Nora existem lugares particularmente ligados a tarefa de fazer recordar um determinado passado, pois a memória é seletiva, nem tudo é lembrado, nem tudo é gravado, nem tudo é registrado, ou seja, para lembrar é necessário esquecer (NORA, 1997).

2 A memória é um fenômeno construído, consciente ou inconscientemente.

3 O sentido que indivíduo constrói de sua própria imagem, de si, para si e para os outros.

*Mestre e Doutoranda em História pela USP. Professora das redes pública e particular de ensino. Membro do GEPHOM/ EACH USP, NEHO/USP e NESCH/PUC.

Portanto, a memória é a representação do passado. (ROUSSO, in FERREIRA & AMADO, 1996). É uma reconstrução emocional e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é individual, e sim, de um indivíduo inserido num contexto social, seja ele familiar, escolar, nacional.

Assim, pode-se afirmar que a memória é individual e coletiva, constituindo, destarte, um fenômeno construído, sendo possível também, estabelecer uma ligação intrínseca entre memória e identidade. Tal relação surge na medida em que a memória é um elemento constituinte da identidade, pois é a memória que cria as condições para o desenvolvimento do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no seu processo de construção de identidade. Segundo Zygmunt Bauman a questão da identidade é a questão do momento (BAUMAN, 2004).

Pollack concebe a identidade remetendo a três elementos essenciais: corpo e território (unidades físicas da identidade); continuidade temporal e sentimento de coerência. Como esses elementos funcionam como fatores de equilíbrio para o indivíduo se localizar individual ou coletivamente no mundo, a memória será também um elemento constituinte desse sentimento de continuidade e coerência para a reconstrução do eu (POLLACK, 1992).

Portanto, a identidade é memória em ato. Ambos, campos de disputa e posicionamentos de referências sociais.

A memória opera por uma ligação com o passado, enriquecendo o presente, selecionando pela lembrança e pelo esquecimento o que se deve lembrar, sendo pleiteada também por fornecer um lugar de pertencimento, uma memória comum.

O pertencimento a um território de identidade, a que me refiro, não é um lugar geográfico, mas cultural. Por isso optei, nesta pesquisa, por abordar identidade como uma categoria histórico-cultural, construída e vivida sob a forma de discursos sociais, uma produção inacabada, um lugar de alteração em constante movimento de transformação, sempre constituída dentro da representação e nunca fora dela (HALL, S.,1990).

Ainda que a memória seja preocupação comum a muitas áreas das ciências humanas, assim como a identidade, na história oral podemos relacionar esses elementos de maneira que um conduza ao outro. Em conjunto, memória e identidade se enlaçam possibilitando a realização e estudos que partam do tempo presente, de personagens vivos que mais que testemunhar um fato ou relatar trajetórias, permitam ver o processo de seleção dos acontecimentos, de constituição de discursos e, assim, se abram a análises que extrapolam a constatação dos fatos.

Por que História Oral?

A moderna História Oral nasceu na Universidade de Columbia, em Nova York, em 1947, a partir da organização sistemática e diferenciada de um arquivo, realizada por Allan Nevins, que oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura face às entrevistas. (MEIHY, J., 1996, p.19)

Joutard afirma que ao longo do tempo a História Oral foi usada por muitos pesquisadores para a elaboração de seus projetos, e que a partir dos anos 50 é que se retomou essa vivência, com intuito de criar instrumental para outros historiadores (FERREIRA & AMADO, 1996, p. 45).

No Brasil a História Oral foi introduzida nos anos 1970, com a criação, na Fundação Getúlio Vargas, de um programa de História Oral. No entanto, foi só a partir dos anos 90 que ela passou a ter maior dimensão no país, com seminários, discussões entre historiadores brasileiros e estrangeiros, e a criação da Associação Brasileira de História Oral, que congrega pesquisadores especializados nessa temática.

Entre nós a História Oral tardou muito a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais, e a ausência de vínculos universitários como os localismos e a cultura popular. Além disso, os compromissos internos com cada disciplina universitária, como a sociologia e a antropologia, ficaram marcados muito fortemente, impossibilitando o diálogo entre os campos que tratavam de depoimentos, testemunhos e entrevistas. (MEIHY, 1996)

Como tudo que é novo, a História Oral despertou variadas concepções:

Em nosso entender, a História Oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. (FERREIRA & AMADO, 2001, p.16)

Outros defendem que a História Oral seja uma técnica (geralmente são pessoas envolvidas na constituição e preservação de acervos orais). Estes pesquisadores utilizam as fontes orais de forma esporádica, como fontes de

informação complementar, normalmente ligados a sociologia, o que teoricamente justificaria essa postura.

Assim, vale dizer que a História Oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto, desdobrando-se em entrevistas e cuidados com o estabelecimento de textos/documentos que podem ser analisados e/ou arquivados para uso público, mas que tenham um sentido social⁴.

A História Oral pode ser dividida em três ramos principais: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral.

História Oral de Vida tem como meta retratar os caminhos de vivências pessoais que se explicam em grupos afins (sejam familiares, comunidades, coletivos que tenham destinos comuns); História Oral Temática é um recurso que busca analisar um determinado evento ou situação a ser esclarecido segundo o estabelecimento de questionários orientados para fins específicos; e, finalmente, Tradição Oral é a prática decorrente do levantamento e estudo de mitos fundadores, questões ética ou morais e rituais do cotidiano e de grupos.⁵

No trabalho de campo é fundamental a utilização de instrumentos que nos permitam gravar as entrevistas, sejam eles gravadores convencionais, digitais, câmeras de vídeo, MP3, MP4 ou qualquer outro tipo de tecnologia que sejam capazes de registrar o que nosso colaborador está dizendo. É fundamental que o pesquisador tenha ética, respeito e dê a devida importância a cada colaborador. “Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados”. (PORTELLI, 1997)

Para a História Oral o trabalho de campo se institui como momento fundamental para toda pesquisa. Nesta fase, existe um significado na relação social e humana entre pesquisador e colaborador da pesquisa que está intimamente ligada à ética que o profissional confere ao seu procedimento. “Tudo o que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre as pessoas ou personagens históricos, mas trará consequências imediatas para as existências dos colaboradores e seus círculos familiares, sociais e profissionais” (FERREIRA & AMADO, 1997) A História Oral é o império das visões filtradas pelos pareceres.⁶ A subjetividade é fundamental para a

4 In: MIRANDA(org)(2006). *Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana*. Edições Sesc, São Paulo.

5 Ibidem

6 Ibidem

História Oral. Portelli diz que é a subjetividade do expositor que fornece às fontes orais o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual. A História Oral, mais do que sobre eventos, fala sobre significados.

Bibliografia:

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAR, M.F.; CONNORS, Barry W. e PARADISO, Michael; “Neuroscience: Exploring the Brain” in: *Memory Systems*. Londres: Lipincott, Williams & Wilkins, 1996, pp. 514-545.
- FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- KESSEL, Z.; “História Falada: Memória, Rede e Mudança Social”; in: PEREIRA J.V.; WORCMAN, K. *História Falada: Memória, Rede e Mudança Social*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.
- LE GOFF, J. *História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____; “História; Memória e Documento/Monumento”; in: *Enciclopédia Einaudi Memória-História*, Campinas: Universidade de Campinas, 1990.
- MEIHY, J. C. S. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996/2005.
- MEIHY, J.C.S.; HOLLANDA, F. *História Oral Como Fazer Como Pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- NORA, Pierre; “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- POLLACK, M.; “Memória, Esquecimento, Silêncio”; in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.
- PORTELLI, A.; “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética em História Oral”; in: *Projeto História* no. 15, PUC, São Paulo, 1997.